EDUCAÇÃO E MERCADO DE TRABALHO NO RIO DE JANEIRO

SIMON SCHWARTZMAN[4]

A economia do Estado do Rio de Janeiro está voltada para atividades de serviço – comércio, serviços sociais, administração pública e serviços a empresas – que ocupam 53% das pessoas que trabalham e geram 63% da renda do trabalho (Quadro 1). A indústria ocupa 10% das pessoas e a agricultura, somente 1.4%.

QUADRO 1

RIO DE JANEIRO, RENDA MÉDIA DAS PRINCIPAIS OCUPAÇÕES DA POPULAÇÃO ATIVA		
	Número de pessoas	**Renda mensal do trabalho**
Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas	1.385.102	1.656,46
Serviços prestados principalmente às empresas	1.023.265	2.707,02
Educação, saúde humana e serviços sociais	1.018.152	2.813,12
Indústria	759.794	2.376,06
Construção	722.728	1.782,54
Serviços domésticos	557.554	965,87
Administração pública, defesa e seguridade social	492.955	4.005,92
Transporte, armazenagem e correio	464.211	2.154,05
Alojamento e alimentação	439.099	1.453,84
Outros Serviços	402.106	1.682,89
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	100.027	1.722,69
Atividades mal definidas	3.332	1.982,66
Total	**7.368.325**	**2.175,44**

Fonte: IBGE, PNAD contínua 4/2015

4 Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade, Rio de Janeiro.

Nem todos têm emprego regular: 40% da população trabalha sem carteira assinada, seja em empregos informais, por conta própria, ou, em pequeno número, como empregadores (Quadro 2). O trabalho por conta própria pode ser uma boa opção para pessoas de nível superior, levando a uma renda mensal de 4 mil reais em média, mas não para os que não completaram a educação média, para os quais a renda mensal média era de cerca de 1.100 reais.

QUADRO 2

POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO (RIO DE JANEIRO)			
	Com carteira assinada	**Sem carteira assinada**	**Total**
Empregado no setor privado	3.348.859	557.670	3.906.529
Trabalhador doméstico	228.354	330.750	559.104
Empregado no setor público	106.575	97.978	204.553
7 Militar e servidor estatutário	767.536		767.536
8 Empregador		204.663	204.663
9 Conta-própria		1.735.319	1.735.319
10 Trabalhador familiar auxiliar		28.497	28.497
Total	**4.451.324**	**2.954.877**	**7.406.201**

Fonte: Pnad contínua 4/2015

Os dados mostram que 8.5% da população ativa[2] entre 18 e 65 anos no Rio de Janeiro estava desempregada ao final de 2015: pessoas que buscavam algum tipo de trabalho, formal ou informal, e não conseguiam. Mas, além disto, havia muitos mais que, por diferentes razões, estavam fora do mercado de trabalho: 40% das mulheres e 16% dos homens, quase 30% da população entre 18 e 65 anos.

Existem muitas razões pelas quais as pessoas não trabalham e uma das mais importantes é a baixa escolaridade. No Rio, como em outras partes do país, o acesso ao mercado de trabalho e os rendimentos estão fortemente relacionados à escolaridade das pessoas. A renda de quem tem nível superior é quase três vezes a de quem tem o nível médio e a renda de que tem nível médio é quase 30% maior de quem só tem a educação fundamental. Na população de 18 a 65 anos, entre os sem instrução, somente 52,3% das pessoas trabalhavam; entre os de nível superior, a proporção era de 80,6%. Entre os que buscam trabalho e não conseguem, a pior situação é a dos que completaram a educação fundamental, mas não completaram o ensino médio: para eles, a taxa de desemprego era de 13,3% para as mulheres e 21,8% para homens, enquanto que, para os com educação superior, cerca de 4% para ambos.

O desemprego também afeta mais as mulheres e os jovens: 18,2% entre as mulheres de 18 a 30 anos e 13,2% para os homens da mesma idade. Finalmente, a inatividade e o desemprego são maiores entre os mais pobres, que são, também, aqueles que apresentam níveis mais baixos de escolarização historica-

5 Para entender o que estes números significam: entende-se por população ativa tanto os que estão trabalhando quanto os que estão procurando trabalho; os ocupados são os que estão trabalhando; os desocupados, ou desempregados, são os que estão procurando trabalho; os inativos são os que estão fora da força de trabalho; a *taxa de desemprego* é a percentagem da força de trabalho que está desocupada, ou seja, procurando trabalho sem encontrar.

mente. Entre os 20% de menor renda familiar, só 61,3% estavam ocupados e a taxa de desemprego era de 14,8%, em contraposição aos índices de 79,6% de ocupação e 6,1% de desemprego entre os 20% mais ricos (Quadro 3).

QUADRO 3

% POPULAÇÃO INATIVA OU PROCURANDO EMPREGO, POR SEXO E NÍVEL DE INSTRUÇÃO (*)				
	Homens		**Mulheres**	
Nível de educação	**Procurando trabalho**	**Inativos**	**Procurando trabalho**	**Inativas**
Sem instrução	4,9%	25,5%	3,8%	60,2%
Fundamental incompleto ou equivalente	6,2%	20,2%	4,9%	52,4%
Fundamental completo ou equivalente	5,6%	14,7%	4,6%	48,6%
Médio incompleto ou equivalente	9,8%	25,9%	11,5%	47,3%
Médio completo ou equivalente	7,0%	13,2%	7,3%	37,5%
Superior incompleto ou equivalente	5,7%	25,4%	6,5%	37,2%
Superior completo	3,1%	9,0%	3,4%	21,1%
Total	**6,1%**	**16,4%**	**5,8%**	**40,3%**

* de 18 a 65 anos de idade / Fonte: Pnad contínua 4/2015

Nada melhor, portanto, para garantir um bom emprego e um bom salário, do que completar o ensino médio, e, se possível, um curso superior. Ainda são muitos os que abandonam o ensino médio antes de completar, por não conseguir acompanhar, pela má qualidade de muitas escolas, ou por precisar trabalhar. Mas as novas gerações entendem cada vez mais a importância de não desistir: ao final de 2015, entre os de 18 a 30 anos no Rio de Janeiro, 67,5% haviam completado o ensino médio, comparado com 29.4% na geração com idades entre 51 e 65 anos. No entanto, são poucos os que conseguem completar um curso superior, somente 12,7% do total em todos os grupos de idade. São Paulo e Distrito Federal são as regiões do Brasil com maior taxa de escolarização: 74,7% e 72,2%, respectivamente, com educação média entre os de 18 a 30 anos, e 15,7% e 21,1% com nível superior na população total.

Existem duas razões principais que explicam as vantagens de quem tem níveis mais elevados de escolaridade. O mercado de trabalho, cada vez mais, valoriza as pessoas que conseguem ler e se comunicar bem, por escrito e oralmente, raciocinar com números, entender e se adaptar às mudanças que ocorrem todo tempo no mundo de trabalho e na vida, e são estas as principais competências que vêm com uma boa educação. Saber inglês é cada vez mais valorizado. A segunda razão é que, sem saber os detalhes de cada pessoa, os empregadores tendem a dar preferência a quem tem mais escolaridade, porque acreditam que estas pessoas têm estas qualidades que esperam.

Mas o mercado de trabalho também busca pessoas com conhecimentos técnicos profissionais, sobretudo nas áreas de serviços de saúde e administrativos. Técnicos de nível médio, ao final de 2014, ganhavam em média o dobro dos que haviam concluído o ensino médio sem nenhuma especialização profissional. Os salários de trabalhadores de produção de bens e serviços industriais, ou de manutenção e reparação,

também eram substancialmente maiores do que os de outros trabalhadores com somente a educação fundamental. O Rio de Janeiro tinha, em 2014, 168 mil estudantes matriculados em cursos técnicos de nível médio, cerca de 20% do total de matrículas neste nível educacional. A maioria dos cursos era na área de serviços de saúde, além de muitos também na área de controle e processos industriais, que inclui mecânica e eletricidade, e de gestão e negócios, oferecidos, sobretudo, pelo setor privado.

QUADRO 3

MATRICULAS NO ENSINO MÉDIO PROFISSIONAL NO RIO DE JANEIRO						
Eixos de Formação	**Federal**	**Estadual**	**Municipal**	**Privada**	**Sistema S**	**Total**
Saúde e meio ambiente	2.588	3.980	281	28.002	6.078	**40.929**
Apoio Educacional	0	170	52	1.671	0	**1.893**
Controle e processos industriais	7.803	6.760	356	20.923	6.651	**42.493**
Gestão e negócios	697	6.627	283	8.020	8.494	**24.121**
Turismo e Lazer	545	1.098	0	2.052	516	**4.211**
Informaçao e comunicação	2.716	3.608	132	9.021	2.209	**17.686**
Infraestrutura	1.106	1.912	374	5.012	214	**8.618**
Militar	3	0	0	0	0	**3**
Produção de alimentos	560	312	0	0	170	**1.042**
Produção cultural e Design	192	666	38	1.594	2.450	**4.940**
Produção Industrial	714	437	44	1.692	961	**3.848**
Recursos naturais	726	400	85	97	0	**1.308**
Segurança do trabalho	827	493	173	8.197	7.511	**17.201**
Total	**18.477**	**26.463**	**1.818**	**86.281**	**35.254**	

Fonte: Ministério da Educação, Censo Escolar, 2014

O Brasil tem uma importante tradição de cursos profissionais de curta duração, que não dependem de diplomas escolares, e que são proporcionados por instituições como o SENAI e SENAC, assim como por muitas instituições públicas e privadas. Estes cursos são importantes, porque podem significar, para muitas pessoas, a diferença entre estar dentro ou fora do mercado de trabalho, e ter um rendimento maior. Infelizmente, não existem estatísticas organizadas sobre estes cursos.

Mas a educação técnica e profissional não substitui a formação geral, sobretudo no desenvolvimento da capacidade de leitura, do raciocínio matemático e no conhecimento de inglês, competência cada vez mais exigida pelos contratantes. No passado, havia a ideia de que a educação profissional era uma educação de segunda classe, destinada a pobres e operários, diferente da educação regular dos ricos e das classes médias, que preparavam para as universidades. As leis brasileiras até hoje mantêm este preconceito, ao não permitir que as pessoas obtenham um título de nível médio em um curso técnico sem

completar também todos os cursos obrigatórios do ensino médio regular, muitos dos quais só servem para fazer a prova do ENEM, que só beneficia a poucos. No mundo todo e, sobretudo, nas economias mais desenvolvidas, isto não é assim.

A educação técnica e profissional se dá em todos os níveis, combinando trabalhos práticos com estudos teóricos, e, no ensino médio, os estudantes começam a se orientar para diferentes tipos de formação, algumas levando logo a certificados técnicos e profissionais, e outras aprofundando estudos preparatórios para cursos superiores, que podem ocorrer tanto em universidades quanto em institutos tecnológicos, conforme os interesses, as aptidões e formação anterior de cada um. É este o caminho que precisamos seguir.